



ROCK E PUNKS: DIFERENCIAÇÃO INDIVIDUAL E ESTÉTICA COMUM

Talita Rechia Vasconcellos da Rosa
Mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná
tali_rechia@hotmail.com
Vilmar Malacarne
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
vilmar.malacarne@unioeste.br

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma reflexão sobre a moda punk, baseada em estudos de Gilles Lipovetsky e de Michel Maffesoli, os quais criticam os intelectuais que analisam a moda apenas como um fenômeno decorrente da luta de classes, pois para eles estas análises são por demais simplistas. Estes autores também enfatizam que a temática da moda deve ser sublinhada e não desprezada pelos intelectuais, uma vez que contagia todas as classes sociais, todas as idades e está presente em variados espaços sociais.

O filósofo francês, Gilles Lipovetsky nasceu em Paris em 1944. Pensador de temas como a moda, a publicidade e a mídia. Sua obra *O Império de Efêmero – a moda e seu destino nas sociedades modernas*, publicada na França em 1987 e no Brasil em 2009, instigou muitas polêmicas, pois advoga que a moda é um fenômeno essencialmente moderno e ocidental e possui um caráter libertário.

De formação sociológica e filosófica, o francês Michel Maffesoli nasceu em Graissessac em 1944. Tem como seu mestre Gilbert Durand (1921-2012) o qual lhe mostrou a importância do imaginário para a vida social e que lhe possibilitou afastar-se de uma concepção estritamente materialista que subordina a cultura à economia. Sua ambição é, segundo ele mesmo, “[...] empreender uma trajetória de reflexão que permita tirar proveito de tudo o que vier a encontrar durante a minha caminhada” (MAFFESOLI, 2011, p. 16). Ele emprega seus esforços para observar o homem comum com vistas a compreender uma questão que considera essencial: o *estar junto*.



Estes pensadores trazem valiosas contribuições para a compreensão da moda como fator de diferenciação de personalidade (Lipovetsky) e de múltiplas e sucessivas identificações com diferentes grupos sociais (Maffesoli). Tais identificações, na perspectiva de Maffesoli (1996), são diferentes da identidade, pois, se na modernidade podíamos ter um perfil definido, um projeto de vida, na pós-modernidade isso já não ocorre mais. Agora o perfil não é mais fixo, o projeto de vida é fortuito e o futuro impreciso, enfatizando-se o que é vivido no presente.

Neste texto, destacamos a indumentária da tribo urbana *punk*, com os seus modos de vida e visões de mundo representadas na simbologia de uma estética comum, inspiradas em figuras emblemáticas, tais como as bandas de rock dos anos 1970. Tais bandas foram precursoras do estilo punk e possibilitaram o reconhecimento e comunhão de uns com os outros (Maffesoli), mas também um desejo de diferenciação (Lipovetsky).

LIPOVETSKY E A MODA COMO DIFERENCIAÇÃO INDIVIDUAL

De acordo com Lipovetsky faz um século que não há grandes conflitos de interpretação sobre a moda. Tudo se passa no meio acadêmico, como se o enigma da moda estivesse solucionado. Prevalece a crença comum de que a inconstância da moda tem seu espaço e sua realidade na luta de classes e de concorrência por prestígio, colocando em oposição diferentes classes sociais (LIPOVETSKY, 2009).

No meio acadêmico, a temática da moda é comumente explicada a partir da estratificação social e das táticas humanas de diferenciação individual. Para Lipovetsky nenhuma área do conhecimento científico acomodou-se a esse ponto “[...] na razão preguiçosa explorando a mesma receita boa para todas as ocasiões. A moda tornou-se um problema esvaziado de paixões e de desafios teóricos [...]” (LIPOVETSKY, 2009, p. 10).

Este autor afirma que a moda não deve ser identificada a simples expressões de vaidade e distinção, pois ela é uma instituição excepcional, problemática e típica do Ocidente e da própria modernidade. Em face disso, a moda não é simplesmente signo das ambições de



classes, mas uma saída do mundo da tradição e uma febre pelas novidades, bem como a celebração do presente social.

O autor demonstra, em sua obra *O Império de Efêmero – a moda e seu destino nas sociedades modernas* que, na história da moda, foram “[...] os valores e as significações culturais modernas, dignificando em particular o Novo e a expressão da individualidade humana que tornaram possíveis o nascimento e o estabelecimento do sistema da moda da Idade Média tardia.” (LIPOVETSKY, 2009, p. 10-11). Compreender o nascimento da moda no final da Idade Média, detendo-se ao vestuário, e entender a elevação histórica da moda ao poder nas sociedades contemporâneas são alguns dos objetivos desse autor na citada obra.

A moda possui um marco localizável na história. Contrapondo-se a compreensões da moda como “trans-histórica”, este autor afirma que a moda é uma “[...] formação essencialmente sócio-histórica, circunscrita a um tipo de sociedade” (LIPOVETSKY, 2009, p.24). Para ele, é possível afirmar que a moda está vinculada com a origem e o desenvolvimento do mundo moderno ocidental.

Durante dezenas de milênios, a vida coletiva se desenvolveu sem culto das fantasias e das novidades, sem a instabilidade e a temporalidade efêmera da moda, o que não quer dizer sem mudança nem curiosidade ou gosto pelas realidades do exterior. Só a partir do final da Idade Média é possível reconhecer a ordem própria da moda, a moda como sistema, com suas metamorfoses incessantes, seus movimentos bruscos, suas extravagâncias (LIPOVETSKY, 2009, p. 24).

Este autor assinala, também, que a moda não estacionou apenas no cânone indumentário, paralelamente “[...] o mobiliário e os objetos decorativos, a linguagem e as maneiras, os gostos e as idéias, os artistas e as obras culturais – foram atingidos pelo processo da moda” (LIPOVETSKY, 2009, p. 24).

Lipovetsky (2009, p. 311) nos mostra como o filósofo, sociólogo e criminalista francês Gabriel de Tarde (1843-1904), foi o primeiro a enxergar a moda como forma de sociabilidade:

[...] a moda é essencialmente uma forma de relação entre os seres, um laço social caracterizado pela imitação dos contemporâneos e pelo amor das



novidades estrangeiras. Não há sociedade senão por um fundo de idéias e desejos comuns; é a semelhança entre os seres que institui o elo de sociedade, (...). A moda e o costume são as duas grandes formas de imitatividade que permitem a assimilação social das pessoas (DE TARDE apud LIPOVETSKY, 2009, p. 311).

Desta forma, ele conseguiu teorizar a moda para além das aparências frívolas, com uma abordagem menos econômica e mais social.

MAFFESOLI E A MODA COMO ESTÉTICA COMUM E IDENTIFICAÇÕES

A moda como estética comum e identificações é produzidas pelo contágio de figuras emblemáticas, tipos ideais, ou ainda, matrizes que possibilitam a identificação de uns com os outros, tais como os heróis, os santos, as estrelas, dentre outros. Ulisses (o herói grego), São Francisco de Assis, Lady Gaga, Dom Juan, são exemplos de figuras míticas, tipos sociais que estimulam uma estética comum e que servem de “receptáculo à expressão do ‘nós’” Maffesoli (2000, p.15).

Tais figuras emblemáticas e tipos sociais funcionam como uma espécie de molde, que é a causa e o efeito de uma cultura comunitária. Os relatos das proezas dessas figuras emblemáticas ou as epopéias não são apenas resultados de contos e lendas antigas, mas formam um mundo ideal para os grupos de fãs que se correspondem para informarem-se quanto às maneiras de vestir-se, comportar-se, comunicar-se. “Os membros do grupo são ‘assegurados’ de sua existência ‘assegurando-se’ a eles” Maffesoli (2007, p.63).

Para Maffesoli (1996, p.161) “as roupas são ‘máquinas de comunicar’ [...] a aparência é causa e efeito de uma intensificação da atividade comunicacional.” Para este autor a aparência não é apenas uma simples superficialidade sem conseqüências, mas um amplo jogo de símbolos que exprime um modo de tocar-se, de estar em relação com o outro, de fazer sociedade.

Desse modo cada ser é integrante de algum grupo e está “[...] contaminado pelo espírito coletivo” (Maffesoli (2007, p.60), mesmo que o indivíduo esteja convicto do oposto, de que não se deixa influenciar por nada, deve-se reconhecer a “influência do ambiente,



natural e social.” Para ele a moda se consagrou como uma maneira de agradar e de se fazer notar, uma ornamentação cuidadosamente escolhida, ou como diria o próprio Maffesoli, de “pavonear-se” para atrair os olhares. No âmbito da teatralidade de aparências da vida cotidiana da atualidade Maffesoli sublinha que cada pessoa busca identificação com alguma tribo ou grupo social. Importante ressaltar que este autor não está se referindo a identidade rígida típica da modernidade a qual possui uma conotação ideológica e uma demarcação definitiva (um nome, um sexo, um endereço e uma profissão), mas sim compreender a saturação dessa lógica de identidade para uma forma de identificação pós-moderna que busca apreender a dupla dimensão das atividades humanas em seus aspectos objetivos e subjetivos.

A lógica da identificação pós-moderna é evidenciada pela constatação de que “[...] o eu é só uma frágil construção, ele não tem substância própria, mas se produz através das situações e das experiências que o moldam num perpétuo jogo de esconde-esconde” (MAFFESOLI, 1996, p. 303). Quantas vezes já não escutamos a expressão “Ele(a) já não é mais o(a) mesmo(a)!” O autor enfatiza que podemos mudar diversas vezes no decorrer de nossa existência e estas mudanças afetam a nossa aparência física, nossas relações amigáveis ou amorosas e, também, nossa vida profissional. Numa mesma existência desempenhamos vários personagens, de acordo com os lugares, as ocupações e as pessoas que nos rodeiam.

O indivíduo, para Maffesoli (1996), passa a ser uma pessoa (*persona*) que, de acordo com a raiz etimológica da palavra, usa máscaras e procede por sucessivas identificações. Nossas identificações podem ser observadas pelo nosso vestuário uma vez que, por meio dele expressamos a maneira como desejamos ser vistos e o que aspiramos ser. Interagir social e simbolicamente com diversos grupos e indivíduos nas diversas escolhas feitas no decorrer de nossas vidas são peculiaridades do ser humano. Uma roupa, um objeto ou acessório é uma mensagem efetivamente utilizada para expressar nossas identificações.

Outro aspecto que Maffesoli discute e que contribui para reflexões sobre os *punks* é a sinergia entre o arcaico e o atual. Para ele a “forma” é, ao mesmo tempo, estável e dinâmica, pois acumula informações do passado da espécie humana e também estão presentes na contemporaneidade. “É arcaica e atual.” Maffesoli (2007, p.62). Podemos correlacionar este



significado à moda, que datou importantes épocas como o Rococó, a Era Vitoriana¹, o pós-guerra, com peculiaridades nas “formas” do vestuário, e que estão presentes até hoje em coleções de grandes grifes com suas releituras da indumentária. A forma é consequência de um ambiente estético, no qual a comunidade em que cada pessoa está inserida define sua criatividade (MAFFESOLI, 2007, p.63).

Os *punks* se caracterizam em torno de estilos musicais e letras de música como forma de expressão, porém não se exprimem somente por este meio, esta tribo se identifica também com o uso de roupas e ornamentações que representam suas atitudes e estilo de vida, “[...] procedimentos que não vão além das imagens sociais, mas que se apóiam nelas para estabelecer os contornos do estar-junto.” (MAFFESOLI, 1996, p.126).

Discorrer sobre identificações (pós-modernidade) ao invés de identidade (modernidade) é relembrar a complexidade de relações que liga uma pessoa a um quadro contínuo de referências, constituído pela convergência de sua história individual com a do grupo onde vive. A identificação de alguém é constituída por intermédio das relações com outros, isto é, seu reconhecimento social é representado pelo reconhecimento de outros. As identidades são plurais, diversas e globais e, fundamentalmente, dinâmicas (MAFFESOLI, 1996).

Todas as imagens e repertórios que se adquirem durante toda a vida são construídos por meio do imaginário, referência que influencia sobremaneira nossas identificações. Em uma entrevista para a revista *Famecos*, de Porto Alegre, Maffesoli define o imaginário como a relação entre as intimações objetivas e a subjetivas e não como, comumente, se compreende no campo das ciências humanas como “[...] ficção, algo sem consistência ou realidade, algo diferente da realidade econômica, política ou social, que seria, digamos, palpável, tangível”.

¹ Rococó tem sua origem na França, sucessora do Barroco, datada de 1730 à 1789, foi uma arte de extremo requinte, associado à época de Luís XV. Na moda foi conhecida como o auge do exagero, pois a indumentária nunca foi tão pomposa e rigorosa como no Rococó. A Era Vitoriana associa-se à moda da Rainha Vitória, da Inglaterra, de 1837 à 1901, época em que o consumismo estava em alta devido à Revolução Industrial.



Para ele a cultura², no sentido antropológico, contém uma parte de imaginário, porém não se reduz ao imaginário, pois é mais ampla, assim como o imaginário não se reduz à cultura em termos filosóficos. O imaginário tem, além de fenômenos passíveis de descrição, algo “[...] imponderável, pois carrega certo mistério da criação ou da transfiguração”, não se tratando de algo simplesmente racional, sociológico ou psicológico (MAFFESOLI, 2001, p. 74-75).

Para Maffesoli (2001, p.76) o imaginário pós-moderno denomina-se de “tribalismo” e quando as pessoas se referem a “meu” ou “teu” imaginário denota-se que esse imaginário em verdade relaciona-se ao imaginário do grupo ao qual este indivíduo está inserido. Isso significa que só existe o imaginário coletivo, pois este vai além do indivíduo, cada ser possui um repertório de influências empíricas e culturais.

Imaginário é, portanto, “[...] o estado de espírito de um grupo, de um país, de um estado-nação, de uma comunidade, etc. (MAFFESOLI, 2001, p.76)”. Por possuir a potência de estabelecer vínculos, unir pessoas numa mesma atmosfera, não é possível referir-se a um imaginário individual. Neste raciocínio, o imaginário manifesta-se pela maneira como a pessoa interage com a outra em toda a sua existência humana com sucessivas identificações expressas nos comportamentos, na autoconfiança, na individualidade e nas diversas expressões, sejam elas visuais ou verbais.

A moda como estética comum expressa nossos imaginários sobre o que pensamos sobre a vida e como queremos aparecer socialmente. Imaginários advindos de muitas referências influenciam nossas identificações com determinados grupos, como, no caso deste artigo, a tribo urbana *punk*.

² Em entrevista à Revista FAMECOS Maffesoli (2001, p. 75) afirma que cultura seria “[...] um conjunto de elementos e de fenômenos passíveis de descrição” e que “[...] a cultura pode ser identificada de forma precisa, seja por meio das grandes obras da cultura, no sentido restrito do termo, teatro, literatura, música, ou, no sentido amplo, antropológico, os fatos da vida cotidiana, as formas de organização de uma sociedade, os costumes, as maneiras de vestir-se, de produzir, etc.”. Em outra entrevista a Eduardo Portanova Barros Maffesoli afirma que cultura é “[...] comer, habitar, vestir. É isso que se chama adubo, a boa terra. Em um jardim, coloca-se o adubo para cultivar as plantas, e para mim cultura é o adubo, o viver junto, aquilo que acabo de dizer, morar, vestir, comer. Eis os elementos de base que vão dar as artes da mesa, que vão dar o estilismo indumentário, que vão dar a arquitetura, mas não se deve esquecer que para ter a arquitetura sofisticada, para que haja a arte da mesa muito sofisticada, para que haja o estilismo da vestimenta, é necessário antes que haja esses elementos de base. É o adubo, a boa terra” (BARROS, 2013, p. 16).



TRIBO URBANA *PUNK*

Cada nova geração de jovens, à sua época, inova formas de linguagem, vestuários e comportamentos para expressar-se. Sublinhamos nesse trabalho a tribo urbana *punk*, cujo movimento surgiu na Inglaterra em 1975, quando Legs McNeil (1956-) o batizou ao dar este nome a uma revista de música e cultura pop dos anos 1970. Porém, foi a partir de 1980 que deixou de ter uma concepção abrangente e pouco definida da atitude individual e fundamentalmente cultural, pela concepção de movimento social propriamente dito.

Diferentemente do contexto de Legs McNeil, esta tribo urbana passou a ter o objetivo de lutar por uma nova sociedade, a sociedade anarquista. A anarquia ou o movimento anárquico é uma estrutura social que se caracteriza por não exercer qualquer tipo de coerção sobre o indivíduo. É a negação do princípio da autoridade, se opõe a todo e qualquer tipo de poder que venha a coibir a liberdade de expressão ou pensamento do ser humano.

Os integrantes desta tribo mostravam uma cultura anticapitalista divulgada por jornais político-alternativos e pela música *hardcore* - som simples e direto, não comercializável - trazendo propostas políticas com comportamentos livres e objetivos. Além disso, mantinham um visual muito peculiar.

Nos anos 80, do século XX, os *punks* passaram a contestar o sistema social vigente de forma ideológica e demonstravam suas revoltas, dentre outras formas de expressão, através da imagem. Portanto, antes de qualquer contato verbal, podíamos identificar um *punk* apenas pelo seu visual, sua linguagem não-verbal da tribo com a função simbólica de reconhecimento e agregação ao grupo.

Com uma linguagem visual e não-verbal, demonstravam suas revoltas por intermédio de uma imagem agressiva, utilizando-se de roupas velhas e surradas em oposição ao consumismo, jaquetas arrebitadas com frases de indignação às injustiças do Estado, além dos cabelos no estilo moicano ou espetado colorido. A imagem *punk*, como meio de comunicação se concretiza e, em meados dos anos 1980, o corpo se tornou uma vitrine de tudo o que viesse à própria cabeça.



O movimento *punk*, por meio de suas linguagens verbais e não-verbais, manifesta outra forma de viver no mundo e de dizer sobre o coletivo que, freqüentemente é considerado com uma simples rebeldia de jovens. Entretanto, para Maffesoli (1987), a rebeldia, a contestação, a dissidência, a ilegalidade podem aparecer sob as mais diversas formas quando há uma imposição absoluta, quando a vida social é totalmente controlada por uma única norma, numa tentativa de fazer assepsia nas múltiplas formas de existência que aparecem o tempo todo na dinâmica social. Seria uma “energia pura e rebelde que tenta destruir a inércia e a quietude de uma organização asséptica da existência” (MAFFESOLI, 1987, p. 23).

O lema dos *punks* “*Do it yourself*” (faça você mesmo) serviria tanto para o imaginário quanto para a maneira de se vestir. Eles criaram seu próprio estilo e, em contraposição aos seus ideais, este estilo virou moda influenciando até os dias de hoje várias marcas e grifes. Para Aguiar (2004), os conceitos de estilo e moda são distintos, denotando a moda como tendências do momento, ditados pelos mais diversos estilistas e estilos, como uma forma de expressão com conteúdo pessoal. O conceito de criação peculiar de estilo está presente até hoje, na customização, na mistura de estilos e até na própria rejeição da moda enquanto norma.

De acordo com Maffesoli (2007), o belo e o feio já deixaram de ter um significado único e universal, pois fazem parte da dinâmica do pertencer. “[...] o que está em jogo é efetivamente uma busca por uma estética comum. Uma ‘preocupação’ generalizada com o corpo oferecido em espetáculo e que de forma alguma é individual, tendo, ao contrário, uma função sacramental, na medida em que serve de meio de reconhecimento” em determinados grupos (MAFFESOLI 2007, p. 65).

Essas manifestações do movimento *punk* podem ser caracterizadas pelo que Maffesoli (2005, p. 83) denomina de “duplicidade” que seria a expressão de um “querer-viver” irreprimível por meio de “[...] uma multiplicidade de rituais, de situações, de gestuais e de experiências que delimitam um espaço de liberdade”.

No anseio de desejar uma “[...] existência perfeita ou autêntica” esquece-se que existe concomitantemente uma “[...] série de liberdades intersticiais relativas”. Existe, portanto, outras formas de viver, de conviver, de expressar comunicações que estão no âmbito



do informal, do secreto, do marginal, mas que podem ser observadas nas mais diversas situações cotidianas (MAFFESOLI, 2005, p. 83).

Essas outras formas de expressar a vida e que não estão sempre explícitas são refletidas por Maffesoli com o conceito *persona* em contraposição a idéia de indivíduo. A *persona* “[...] da máscara que pode ser mutável e que se integra, sobretudo, numa variedade de cenas, de situações que só valem porque representadas em conjunto.” (MAFFESOLI, 2000, p.15).

Uma forma de compreender os comportamentos e atitudes dos “tribalistas” é reconhecer que eles utilizam de seus bens como parte deles, conscientemente ou não. Necessário se faz perceber o que as roupas, os objetos, os usos e as representações significam para as tribos. A indumentária *punk* possui uma função simbólica que, de acordo com Maffesoli (2007, p. 65), serve para “[...] afirmar, ostentar uma participação mística em um determinado grupo. [...] Trata-se de signos, rituais que, por superficiais que sejam, pretendem traduzir um ‘parentesco interno’.”

O vestuário é, dentre todos os ornamentos que se usa cotidianamente, o que possui maior carga de valor simbólico. Ele possibilita identificar uma organização e a dinâmica político-social de determinado lugar ou período, os tipos de culturas e relações humanas e sociais, entender os modos de uma época, pois as roupas traduzem principalmente, sentimentos, identidades, culturas e conquistas.

Maffesoli (2007, p.80) cita o filósofo grego da antiguidade Platão (427-347 a.C) em sua teoria de que a “alma do mundo” é o princípio motor de um dinamismo universal, pois acredita ser possível aplicar esse mesmo conceito às tribos contemporâneas que se estruturam em idéias comuns. O sociólogo afirma que cada grupo compartilha de palavras-chave, de linguagens, idéias que têm uma “função sacramental”: a função de tornar visível o invisível desejo de reconhecimento pelo outro e de agregação com um grupo.

Entende-se, portanto, que as tribos urbanas e os grupos sociais em que cada pessoa se insere, podem ter valores diferentes como ideais e costumes, possuir objetos peculiares como carros e roupas de marca, transmitir imagens distintas como o estilo *punk*, porém todos têm



algo em comum: o simples prazer de “estar - junto” partilhando emoções (MAFFESOLI, 1996).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões realizadas sobre a moda nas tribos urbanas *punk*, a partir de Gilles Lipovetsky e Michel Maffesoli, nos levam a afirmar que moda não é somente a imitação efêmera de tendências ou estilos, e as roupas não são apenas vestimentas que servem para proteger e cobrir o corpo ou ornamentações para embelezar os indivíduos. As roupas fazem parte da existência diária de cada ser, e expressam diferenciações individuais e identificações com determinados grupos sociais por meio de uma estética comum.

A moda é tanto o desejo de reconhecimento pelo outro como de agregação com um grupo. Para Maffesoli há na imitação, um prazer de “*estar junto*” em função de uma lógica de identificação com determinados grupos sociais.

A indumentária do movimento *punk*, e de outros grupos sociais, expressa suas identificações. A linguagem do vestuário dessa tribo urbana é uma das formas que o grupo encontrou para ficar em evidência nos anos 1980 – como outros grupos o fizeram antes e ainda o fazem. As atitudes visuais desta tribo urbana passaram a ditar a moda para alguns jovens, que mesmo não tendo conhecimento ou discordando das teses desse movimento, passaram a adotar suas vestimentas, demonstrando um comportamento mimético.

No âmbito da teatralidade de aparências da vida contemporânea, as pessoas buscam tanto uma forma singular de mostrar-se socialmente para diferencia-se como também anseiam por identificações com determinados grupos.

A tribo urbana *punk* utiliza o vestuário como uma forma de se comunicar simbolicamente, ressaltando-se que o vestuário expressa nossas identificações. A roupa constrói uma forma de aparecer socialmente e tem o poder de exercer determinado fascínio sobre as pessoas. A linguagem do vestuário expressa representações e símbolos visuais sobre aspectos da identificação pessoal e social, incluindo o imaginário individual e coletivo.



As sucessivas identificações das pessoas, no decorrer de uma vida, nos instigam a refletir sobre a complexidade de relações que liga o indivíduo a um quadro múltiplo de referências, constituído pela convergência de sua própria história com a do grupo onde vive. Cada indivíduo é influenciado por uma rede de relações com outros.

É possível apreender o imaginário dos *punks* pela maneira que interagem uns com os outros e com a sociedade. Seus comportamentos, suas expressões visuais e verbais que expressam tanto uma vontade de diferenciação como também uma identificação com o grupo e a vivência de uma estética comum. .

Os *punks* ornamentam seus corpos e suas vestimentas como suportes sobre os quais inscrevem suas mensagens. Suas formas de aparecer são um meio de comunicação rico em metáforas. Esta tribo fala por meio do vestuário.

Por fim, é por meio da linguagem do vestuário que interagimos social e simbólica com diversos grupos e indivíduos. Uma roupa, um objeto ou acessório é uma mensagem que efetivamente é utilizada para transmitir algo sobre si mesmo e, ao mesmo tempo, sobre os grupos sociais que nos identificamos. Uma comunicação que não passa, necessariamente, pela palavra. São, antes, os ornamentos, as roupas, a atitude, que tomam o lugar para comunicar a nossa diferenciação individual e o nosso pertencimento a determinados grupos sociais.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Titta. **Personal Stylist**: guia para consultores de imagem. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

Eduardo Portanova. Michel Maffesoli: a pós modernidade se orienta para “algo de anarquista”. **Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS**. Volume 19. Número 2. Jul/Dez. 2013, p.11-19.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MAFFESOLI, Michel. **Dinâmica da violência**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1987.



_____. **No fundo das aparências.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. O imaginário é uma realidade (entrevista). Porto Alegre: **Revista Famecos.** Número 15. Agosto, 2001, p.74-82.

_____. **O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade.** Porto Alegre: Sulina, 2005.

_____. **O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno.** Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. **Quem é Michel Maffesoli: Entrevistas com Christophe Bourseiller.** Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira e Jaime A. Clasen. Petrópolis: De Petrus et Alii, 2011.